

Resenhas de Livros

Silvio de Almeida CARVALHO et alli
Deserdados: dimensões das desigualdades sociais
Rio de Janeiro: H.P. Comunicações Editora, 2007

O livro *Deserdados: dimensões das desigualdades sociais* é uma obra coletiva, escrita por nove pesquisadores, agrupados em três partes, vinculados ao LEDDES, cujos textos foram originalmente apresentados no seu 1º Seminário. A publicação recebe uma emotiva e sensível introdução de Cecília Coimbra intitulada *O Atravessamento de Resistir*.

Na primeira parte, o sistema prisional do país é lido por um eixo principal. Existiria um elemento de contato entre o passado histórico e o presente em termos da constituição de nosso sistema prisional. Terra das idéias fora do lugar, o antigo ideário iluminista de humanização dos cárceres como mecanismo de ressocialização dos indivíduos que cometeram delitos, apesar de incorporado discursivamente pelas elites locais, jamais fez sucesso em termos práticos por aqui. Tal como relata uma das autoras, Marilene Silva, refletindo sobre o período escravista, posta a singela incompatibilidade de se apontar que o trabalho nobilita o homem, em uma terra onde o ato de trabalhar era pura e simplesmente uma vergonha, os presídios brasileiros se constituíram em verdadeiras masmorras, talvez sendo no fundo sua verdadeira função: pela via da tortura e da degradação, estereli-

zar seres humanos real ou potencialmente perigosos para a ordem social vigente. Nesse sentido, este texto encontra eco com o de Myriam Santos, que analisando a história do presídio de Dois Rios, na Ilha Grande, aponta o quanto o sistema carcerário brasileiro estava eivado de uma concepção cientificista que associava o delito com pretensas características ingênicas do seu praticante, incluindo a cor de sua pele e outros traços fisicamente distinguíveis. Finalmente, a tragédia social presente nos presídios brasileiros é ilustrada pela memória dos sobreviventes dos cárceres da ditadura militar, tal como relatado no texto de Joana Ferraz. Jacob Gorender, em *Combate nas Trevas*, apontou que em tendo sido a esquerda armada formada pelos filhos dos segmentos médios e altos, quando a ditadura a massacrava estava tão somente cortando os galhos podres do próprio

sistema para melhor poder preservá-lo. E a forma assumida por essa poda se traduziu em formas de desumanização tão ou mais forte do que incidia tradicionalmente sobre os pretos e pobres em geral ao longo de nossa história.

Unificando as três contribuições: os presídios brasileiros, na prática, se fundamentam na perspectiva de que os seus hóspedes antes que humanos, são coisas. Não obstante, no interior desse jogo paradoxalmente lógico e irracional não há perspectiva possível de cura para os pobres diabos - fossem fujões, gatunos ou guerrilheiros - que se deixassem levar para os seus porões. Essa era a realidade nos idos do período escravista. Essa era a realidade que acompanhou o nosso processo de modernização conservadora, especialmente na era da tirania verde-oliva. Essa é a realidade que mancha nossa sociedade dos dias contemporâneos. Fui, sou, serei...

A segunda parte do livro, intitulada *Vulnerabilidade Sociais*, tem como enredo os dramas sociais das populações residentes em favelas na cidade do Rio de Janeiro. Silvio Carvalho Fº percorre as estratégias de sobrevivência adotadas pela população favelada em meio ao oceano de carências sociais ou, tal como nas palavras do autor caos urbano circundante. Assim, em meio às *brechas deixadas pelo sistema capitalista*, diversas agências primárias e secundárias de socialização são mobi-

lizadas de forma eficiente por aquelas pessoas no sentido da garantia das condições mínimas de existência: vizinhança, laços familiares, apadrinhamento político, Igrejas, políticas clientelísticas. Essas estratégias, porém, revelam-se eficazes somente do ponto de vista mais imediato, ou seja, em termos da estrita reprodução material das famílias. A sua prorrogação acabou se relacionando com um jogo que articula carências materiais, favores e a crônica ausência de direitos sociais para àquelas populações. Essa mesma perspectiva é adotada por outro ângulo no texto de Cíntia Ramos. Aquela autora aborda a história da Fundação Leão XIII, mostrando que a criação daquele órgão assistencial foi originada de uma tentativa por parte do campo conservador para conter o que seria o avanço da ideologia comunista por àquelas plagas. Assim, foi se gerando uma entidade, primeiramente ligada ao clero e posteriormente ao Estado, que tinha uma visão fundamentalmente assistencialista, que visava atenuar as formas mais críticas de carências sociais. Todavia, esses favores não se davam gratuitamente. Desse modo a Fundação Leão XIII trabalhou ativamente em prol do enquadramento moral da população favelada dentro dos parâmetros estabelecidos pelos setores médios, bem como atuava de forma conspícua no sentido da desmobilização daquele contingente no plano político. A contribuição de Rogério

Souza apontou para um importante aspecto assumido pelas políticas assistenciais para as populações faveladas nos dias atuais que diz respeito à constituição, por parte do Estado, de novos atores sociais que são as ONGs e os agentes comunitários. Em plena vigência do neoliberalismo, onde o mundo do trabalho formal experimenta grave crise, o poder público estimula a formação de um tipo social que trabalha na mediação entre as comunidades faveladas e o poder público. Para tal, o capital humano exigível, mais do que a escolaridade formal, vem a ser a capacidade de liderança possuída pelo agente, capaz de permiti-lo ser um ente de articulação de amplos os contingentes, mas sempre no sentido do atendimento de pequenas demandas pontuais. Assim, se verifica que os agentes comunitários acabam subvertendo o princípio da representação comunitária e dos direitos sociais. Membros da própria comunidade, porém atuando como atores do poder público com o intuito de controlá-la politicamente.

Nessa segunda parte pode-se também verificar que os três artigos, partindo de temas diferentes, no fundo dialogam no entorno de uma questão comum: populações faveladas, ausência de direitos sociais e o papel assumido pelas políticas assistenciais do Estado desestimulando a ação coletiva daqueles atores. Por outro lado, talvez nesse ponto cai-

bam algumas ressalvas a determinados aspectos. O mais relevante: o tom acrítico de determinados termos que são incorporados de forma quase que desavisadas. Vulnerabilidade social e exclusão social, de evidente presença em todos os artigos, não parecem singelos termos, estando eivadas por derivações conceituais e mesmo políticas. Ignorariam os autores serem esses termos usados com frequência pelo jargão dos economistas neoliberais e as implicações políticas desses conceitos? Por outro lado, como uma pessoa, em fazendo parte da sociedade, seja em qual classe ou estrato social for, pode se encontrar excluída dela? Será que o apontamento mais propriamente político, que afinal foi refletido pelos autores, não definiria de forma mais precisa o drama daqueles contingentes? Será que não seria mais preciso o uso de termos como heteronomia política para definir o que acontece com as populações residentes naqueles pontos do território?

A terceira parte do livro se intitula *Representação das Desigualdades*. Como nas duas outras partes são textos escritos por três autores: Victor Pereira, Paulo Patrocínio e Aline Xavier. O eixo da reflexão tange ao significado e implicações da 'Literatura Marginal'. Todos são extremamente críticos ao modo pela qual a linguagem destes textos é construída: linguagem do submundo, sexualidade agressiva, discurso ressentido, seqües-

tro da imagem dos tipos representados e seu enquadramento exclusivo dentro da cultura da violência, cultura do crime e da morte. Do mesmo modo, existe um consensual questionamento quanto ao *lócus* social ocupado pelos autores. Assim, a crítica aponta no sentido de que se o mero fato de ser favelado, ou marginalizado, não daria por si só uma inequívoca autoridade discursiva em termos da produção literária. Confesso uma maior dificuldade para o desenvolvimento de um diálogo com os autores desta parte do livro. Por um lado, trata-se de um debate sobre literatura, fazendo parte, portanto, do ramo filosófico da estética, ramo o qual minha formação é um tanto dileitante. Por outro lado o tema envolve questões que extrapolam ao objetivo, inevitavelmente também se situando em um plano referente à fruição que a obra dos autores será capaz de proporcionar ao leitor. Fazendo uso do termo do filósofo Marildo Menegat: qual seria a estética possível da barbárie? Haverá algum modo mais expressivo de retratar àquela realidade tão violenta de outra maneira? E por mais que a correta crítica dos autores acerca da sumarização dos dramas da população favelada à tríade violência-crime-droga faça todo sentido. Ainda assim, por que moti-

vos haver-se-ia de menosprezar o fato de que no Brasil atual se comentem mais de 45 mil homicídios por ano? Essa realidade é chocante por ela mesma e talvez a 'Literatura Marginal', implique apenas num modo específico de representação de algo que de tão repugnante acabe sendo passível de expressão artística tal como se deram. Mas isso é uma singela opinião. Na medida em que para aqueles autores tal linguagem seja excessiva, não se pode deixar de reconhecer que aquela corresponde ao seu próprio modo de entendimento do mundo, das coisas e das artes.

O livro *Deserdados: dimensões das desigualdades sociais* não teve uma pretensão expressa de sintetizar o tema a partir de um único eixo. Ao leitor é permitido o conhecimento da própria agenda de pesquisas e reflexões dos pesquisadores articulados em torno LEDDES e que falam sobre aspectos inegavelmente relevantes da realidade. Por isso a leitura é recomendada a todos aqueles que pretendem desenvolver seus estudos e reflexões sobre o trágico, e, por conseguinte, instigante, caos social abrigado em nosso país.

Marcelo Paixão

Universidade Federal do Rio de Janeiro